

O carnaval dos tiranos



Por **PAULO FERNANDES SILVEIRA***

Antigo ritual de purificação, quando uma calamidade se abatia sobre uma cidade, o que sinalizava a cólera dos deuses, o povo escolhia uma pessoa para ser seu veneno e seu remédio

“Será que nunca faremos senão confirmar \ a incompetência da América católica, \ que sempre precisará de ridículos tiranos?”

(Caetano Veloso).

Historicamente, argumenta Aristóteles, as tiranias se caracterizam por governos nos quais um monarca possui poderes desmesurados sobre todas as pessoas e toma suas decisões sem respeitar lei alguma (1995, p. 299). A tirania surge de formas extremas de corrupção em governos democráticos ou oligárquicos (Ibidem, p. 391). Por vezes, os tiranos valem-se da demagogia e do ódio que o povo nutre pelos ricos para obterem respaldo popular (Ibidem, p. 360). Não por acaso, Aristóteles define a cidadania como sendo a capacidade de comandar e de ser comandado (Ibidem, p. 186). A princípio, uma sociedade de cidadãos plenos não acolheria voluntariamente um governo tirânico que lhes vetasse todo e qualquer exercício do poder.

Os antigos associavam a tirania ao despotismo. A etimologia da palavra grega *týrannos* é incerta (CHANTRAINE, 1968, p. 1146). Para Vidal-Naquet, essa palavra refere-se àquele que se torna rei por acaso (1999, p. 279). Já o termo grego *despótes* remonta à palavra sânscrita *dámpati* [*pátir* (chefe) + *dán* (casa)] (CHANTRAINE, 1968, p. 266). Nesses termos, pode-se afirmar que o tirano governa como se fosse o chefe da família e o senhor dos escravos. Em suas análises, Marilena Chaui sustenta que, assumindo uma forma de poder própria ao espaço privado, o tirano acaba se tornando um usurpador de tudo o que possa fazer parte do espaço público (1992, p. 358).

Provavelmente, o tirano mais conhecido da literatura seja o Édipo de Sófocles. Na interpretação de Jean-Pierre Vernant, a tirania edipiana possui uma série de semelhanças com o papel desempenhado pelo *pharmakós*: o bode expiatório que precisa ser sacrificado para que se retome a fecundidade das terras, dos rebanhos e das mulheres (1999, p. 85). Antigo ritual de purificação, quando uma calamidade se abatia sobre uma cidade, o que sinalizava a cólera dos deuses, explica Jacques Derrida, o povo escolhia uma pessoa para ser, ao mesmo tempo, seu veneno e seu remédio (2005, p. 80-4).

No início da tragédia de Sófocles, o povo de Tebas manifesta sua confiança de que Édipo possa purificar e salvar a cidade do *miasma*, da desgraça que lhe assola (*Édipo rei*, vv. 20-30). O tirano é tomado, portanto, como um médico, e não como um veneno que deva ser expelido. Mais ainda, o povo delega a Édipo o poder de identificar, perseguir e expulsar quem possa estar contaminando a cidade. Além disso, os tebanos consideram Édipo um sábio com as qualidades de um deus e, na tradição do *pharmakós*, o bode expiatório é, geralmente, alguém que a cidade despreza.

Segundo Vernant, as ambiguidades fazem parte dessa tragédia. A mesma sociedade ateniense que sacrifica, anualmente, pessoas pobres e degradadas no ritual do *pharmakós*, manda para o exílio, com a prática do ostracismo, pessoas admiradas

a terra é redonda

na cidade (1999, p. 88-93). A maior parte dos punidos eram políticos ou generais, mas, alguns artistas e intelectuais influentes, como Dámon, Fídias e Tucídites, também foram condenados ao exílio. Por outro lado, no *pharmakós*, a pessoa eleita pelo povo para ser o bode expiatório era tratada como um rei até o momento do sacrifício.

Para reforçar essa ideia, Vernant aproxima o *pharmakós* dos gregos às *Saturnalia* dos romanos, festas nas quais uma pessoa, designada para ser um anti-rei, é expulsa ou condenada à morte (1999, p. 92). As *Saturnalia* fizeram parte do calendário de festas populares dos romanos por muito tempo. Elas tinham o objetivo de homenagear Saturno, deus relacionado à agricultura. No curto e próspero reinado de Saturno, conhecido como Idade do Ouro, esclarece Frazer, a escravidão e a propriedade privada não existiam, e as pessoas compartilhavam todas as coisas (1990, p. 583).

Alguns traços do reinado mitológico de Saturno marcam as *Saturnalia* romanas. Durante os sete dias de festas, de 17 a 23 de dezembro, a distinção entre classes livres e servis era temporariamente abolida e os escravos podiam dividir a mesa de refeições com os seus senhores e injuriá-los (FRAZER, 1990, p. 583).

Segundo Toboso, esses ritos de inversão e de transgressão social evocam uma hipotética libertação de Saturno, que foi mandado para o exílio após perder o poder (2002, p. 382). Na mitologia grega, o deus Cronos, que corresponde ao deus romano, foi aprisionado por seu filho no mundo subterrâneo (Ibidem, p. 382). Tendo o próspero reinado do monarca como modelo, nas *Saturnalia*, todos podiam comer, beber e namorar sem nenhum comedimento (Ibidem, p. 399).

Uma das práticas comuns nas *Saturnalia* era a troca de presentes entre homens livres e escravos. No âmbito dessas doações, o sacrifício de uma pessoa era oferecido ao deus Saturno (TOBOSO, 2002, p. 392). Durante a festa, assinala Frazer, era instituída uma espécie de república teatral, comandada por um rei fictício, encarregado de expedir mandatos divertidos e cômicos, tais como: que os súditos bebam, cantem, dançam ou que façam discursos contra si mesmos (1990, p. 584). No quarto século da era cristã, algumas *Saturnalia* passam a associar o ritual de sacrifício à pessoa indicada para ser o rei fictício. Nesse caso, após seu breve reinado, o próprio soberano era degolado ao término da festa (Ibidem, p. 584).

Influenciadas pelos folclores locais, ressalta Bakhtin, as *Saturnalia* atravessaram a Idade Média (1987, p. 71). Aos poucos, a Igreja Católica procurou substituir ou incorporar essas festas populares (Ibidem, p. 68). Nos primeiros séculos do cristianismo, surge a “festa dos loucos”, na qual eram nomeados bispos e papas fictícios do riso, mantendo, assim, a inversão social das *Saturnalia* (Ibidem, p. 70). No Renascimento, a pessoa destacada pelo povo para reger as festas pagãs se apresenta como um rei bufão, escarnecido, espancado e injuriado por esse mesmo povo quando termina seu reinado; atualmente, em alguns países europeus e latino-americanos, um boneco carnavalesco é aviltado, despedaçado e queimado nas festas de fim de ano (Ibidem, p. 172).

Além de ter se tornado uma obra atemporal, *Édipo rei*, ou, mais precisamente, *Édipo týrannos*, foi um protesto contra as leis e os costumes da sua época. Ao aproximar o ostracismo do *pharmakós*, Sófocles parece sugerir que, em ambos os casos, trata-se, apenas, de encontrar um bode expiatório. A escolha popular não se dá, portanto, a partir das qualidades ou da falta de qualidades morais ou políticas daquele que deve ser expulso ou sacrificado. Nessa mesma perspectiva, a principal função dos reis tiranos eleitos para comandar as festas nas *Saturnalia* e nos carnavais é expiar as mais variadas culpas acumuladas pelos cidadãos. Curiosamente, muitos tiranos indicados pelo povo para efetivamente exercer o poder, enfrentaram destinos semelhantes.

***Paulo Fernandes Silveira** é professor da Faculdade de Educação da USP e pesquisador no Grupo de Direitos Humanos do Instituto de Estudos Avançados da USP.

Texto originalmente publicado no site [Psicanalistas Pela Democracia](#).

Bibliografia

ARISTÓTELES. *La politique*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2005. [[Ver aqui](#)]

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec/Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987. [<https://amzn.to/3w6Gomu>]

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Éditions Klincksiek, 1968. [<https://amzn.to/3Sutqqi>]

CHAUÍ, Marilena. Público, privado, despotismo. In. NOVAES, Adauto (org.). *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 345-390. [<https://amzn.to/4bvhU6J>]

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005. [<https://amzn.to/3SR40EL>]

FRAZER, James. *The Golden bough: a study in magic and religion*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 1990. [<https://amzn.to/3UAAZP1>]

SÓFOCLES. *Édipo rei*. São Paulo: Perspectiva, 2005. [<https://amzn.to/4bAXNUE>]

TOBOSO, Juan. *La participación de los esclavos en las fiestas del calendario romano*. 2002. 541f. Tese (Doutorado em História Antiga). – Facultad de Geografía e Historia. Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2002.

VERNANT, Jean-Pierre. Ambiguidade e reviravolta. Sobre a estrutura enigmática de Édipo-Rei. In. VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. São Paulo: Perspectiva, 1999, p. 73-99. [<https://amzn.to/48bWoAX>]

VIDAL-NAQUET, Pierre. Édipo em Atenas. In. VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. São Paulo: Perspectiva, 1999, p. 267-285.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)